

VII ALAP
Congreso de la Asociación Latinoamericana de Población
XX ABEP
Associação Brasileira de Estudos Populacionais

Mulheres Latino-americanas e Haitianas no Brasil: perfil na imigração internacional¹

Palavras chave: migração internacional; gênero; migração feminina

Roberta Guimarães Peres- Núcleo de Estudos de População Elza Berquó-UNICAMP
Rosana Baeninger- IFCH/ Núcleo de Estudos de População Elza Berquó-UNICAMP

¹ Este estudo compõe o projeto temático “Observatório das Migrações em São Paulo”, desenvolvido no NEPO/UNICAMP, com o apoio da FAPESP e do CNPq.

Mulheres Latino-americanas e Haitianas no Brasil: perfil na imigração internacional

Introdução

No âmbito da pesquisa acerca dos fluxos migratórios entre os países do Mercosul e suas fronteiras, a imigração de mulheres é foco deste trabalho. De um lado, pela inserção dos países no Mercosul em diferentes períodos; a Argentina, o Brasil, o Paraguai e o Uruguai, que assinaram o Tratado de Assunção em 26 de março de 1991, e os Estados Unidos ao MERCOSUL, posteriormente, Chile, em 1996, Bolívia, em 1997; Colômbia, em 2004; o Equador, em 2004; Peru, em 2003; Venezuela, em 2004. De outro lado, a participação no bloco econômico traz um novo cenário na mobilidade espacial de distintos contingentes imigrantes de mulheres e suas possibilidades de permanência e circulação entre os países e suas fronteiras. É nesse contexto que é preciso compreender a feminização da imigração latino-americana e haitiana no Brasil.

A metodologia da pesquisa conta com a base de informações dos registros de estrangeiros do Ministério da Justiça, através do qual é possível identificar a feminização da migração no Brasil, para o período 2000-2014.

Gênero nos estudos migratórios

A migração internacional no âmbito teórico e metodológico dos estudos de gênero é um desafio para uma agenda de pesquisa. Desta forma, a questão “de que maneira se articulam a migração de mulheres e seus condicionantes e que tipo de impactos e especificidades se observam deste fenômeno?” se faz central.

Avanços teóricos recentes dos estudos de migração ressaltam a importância de se estudar diferenciais por sexo, transformações nas relações de gênero e também de um aporte específico para este fenômeno. Ao incorporar os diferenciais por sexo bem como as relações de gênero às análises de fluxos migratórios, indo além da descrição das diferenças entre homens e mulheres, as teorias de migração avançam no sentido de compreender as experiências das mulheres migrantes em esferas específicas – família, domicílio, mercado de trabalho. Segundo Pessar (2000), há importantes intersecções entre transformações dos papéis de gênero, estratégias migratórias e inserção em

diferentes mercados de trabalho ao longo do projeto migratório. A interdependência dessas estruturas causa diferentes impactos principalmente entre as mulheres, que são mais suscetíveis a essas transformações.

Compreender essas estruturas, bem como suas intersecções, exige um estudo detalhado da migração feminina num aporte teórico específico, ancorado no debate da migração e dos estudos de gênero, levando em consideração as esferas ignoradas fora dessa perspectiva. O interesse pelo estudo da migração feminina é muito recente e tem o seu início a partir de constatações de volume significativo de mulheres em fluxos migratórios onde predominavam homens ou ainda pela captação de fluxos migratórios essencialmente femininos (Castro, 2006).

Incorporar as diferentes características entre homens e mulheres na migração, bem como utilizar a perspectiva de gênero nas análises, demonstra a importância das diferenças socialmente construídas ao longo da migração. Esses “fatores sutis” definidos por Boyd e Grieco (2003) referem-se a essas transformações sofridas, sobretudo, na família e com o ganho de autonomia através da entrada da mulher migrante num mercado de trabalho diferenciado.

As relações de gênero socialmente construídas, definidas por Bourdieu (2000), são estruturas que tem sua gênese nas diferenças entre os sexos. Num contexto migratório, essas diferenças nas relações de gênero são latentes (Morokvasic, 2003; Pessar, 2000). As transformações experimentadas por ambos os sexos são distintas e cada uma delas tem um impacto diferenciado em estruturas como família e domicílio. De fato, ao longo do processo migratório, homens e mulheres reconstróem, negociam ou reafirmam relações de poder, hierarquia e a própria identidade (Castro, 2006).

Daí a importância de um estudo aprofundado da migração feminina. As experiências das mulheres, captadas e analisadas através de uma metodologia específica, oferecem outro sentido ao fenômeno, incrementam e aprofundam seu conhecimento. As lógicas de gênero (Kebabza, 2004), em contextos migratórios, se expressam de forma “sutil e íntima”. Constrangimentos como ganho ou perda de autonomia, o debate entre a permanência e o retorno, renegociações entre os sexos, são fatores importantes para o estudo da migração feminina, uma vez que é através dessas transformações que as mulheres afirmam-se como agentes de equidade no fenômeno.

É preciso reconhecer, no entanto, a necessidade de uma mudança nas perspectivas teóricas e metodológicas para o estudo da migração de mulheres. Boyd e Grieco (2003) definem estágios do processo migratório em que a incorporação da

perspectiva de gênero é fundamental. O primeiro, o estágio pré-migração, inclui fatores como as relações de gênero e hierarquia e papéis desempenhados por homens e mulheres no país de origem. O segundo, o cruzamento da fronteira, refere-se às políticas migratórias dos países de origem e destino – que podem afetar diferentemente a migração de homens e mulheres, estratégias migratórias, imagens estereotipadas de ocupações e papéis masculinos e femininos e o potencial de entrada das mulheres no mercado de trabalho receptor. Por fim, o estágio pós-migratório, trata do impacto das mulheres num determinado fluxo, no mercado de trabalho receptor e no status dos papéis na família e no domicílio.

Papéis desempenhados por homens e mulheres ainda em seus lugares de origem também estão relacionados à perspectiva de gênero neste primeiro estágio da migração. Relações hierárquicas nos domicílios, tarefas e ocupações sexualmente definidas bem como diferentes redes e seus usos afetam tanto a seletividade, quanto as estratégias migratórias utilizadas por homens e mulheres.

Considerando o lugar de destino no estágio pós-migratório, ficam também evidentes os impactos da migração feminina. A dinâmica do mercado de trabalho específico onde se inserem os migrantes pode favorecer a entrada de mulheres, como no caso das bolivianas na fronteira, em Corumbá – MS (Peres, 2009), ou de brasileiras que trabalham no setor da faxina nos Estados Unidos (Fleisher e Martes, 2003).

Um dos avanços teóricos mais relevantes no campo dos estudos das migrações nos últimos trinta anos é a incorporação da equidade entre homens e mulheres no processo migratório (Morokvasic e Erel, 2003). As experiências dos migrantes – sociais, políticas, econômicas e culturais – apresentam diferenciais por sexo, resultando em relações de gênero reconstruídas ao longo das trajetórias e precisam ser levados em consideração.

Encarar as mulheres como agentes secundários de processos migratórios, invisíveis em suas especificidades, implica em ignorar complexidades e heterogeneidades. “O atual contexto dos fenômenos migratórios obriga a construção de novos olhares e perspectivas” (Morokvasic e Erel, 2003, p. 15)

Tanto em relação a perspectivas teóricas quanto à própria coleta de dados para estudos de migração, as mulheres são deixadas em segundo plano, como acompanhantes, dependentes ou simplesmente invisíveis nos fenômenos analisados. Massey e Espinosa (1998) constroem em seu estudo uma pesquisa de campo e

proposições teóricas para a migração mexicana para os Estados Unidos: a amostra utilizada pelos autores foram homens chefes de domicílios.

O questionamento da migração como um fenômeno essencialmente masculino foi uma preocupação do movimento feminista, sobretudo nos anos 1990, a fim não somente de tornar visíveis as mulheres no fenômeno migratório, mas mostrar que padrões, causas, experiências e impactos da migração são diferentes para homens e mulheres (Kofman, 1999; Chant, 1992; Morokvasic 1983; Oso, 1994).

Os estudos migratórios sobre o primeiro foco nas mulheres migrantes trouxeram à tona esses diferenciais por sexo antes ignorados. As diferentes motivações para migrar, estratégias, uso de redes sociais, inserção na sociedade de destino, foram as informações a serem processadas separadamente entre homens e mulheres, o que também forçou mudanças no campo metodológico desses estudos. A dificuldade de obtenção de dados desagregados por sexo foi uma dificuldade a ser superada (Instraw, 1994).

Os primeiros estudos com este enfoque buscaram, então, “compensar” a ausência das mulheres em análises de processos migratórios. Desta forma, a tendência foi substituir relações de gênero pela análise dos diferenciais por sexo em fluxos migratórios. Era preciso, no entanto, superar esta fase compensatória e aprofundar as análises para compreender as transformações nos papéis e relações de gênero ao longo da migração.

É preciso reconhecer, no entanto, que o primeiro passo para uma análise sob esta perspectiva de gênero é o estudo dos diferenciais entre homens e mulheres ao longo do processo migratório, trazendo à tona a equidade entre os agentes na migração e não somente colocando a mulher migrante no papel secundário de acompanhante ou ainda, no da reunificação familiar.

Após esse primeiro momento, em que se fez fundamental a desconstrução da figura do homem provedor (“*male breadwinner*”) em contextos em que homens e mulheres se arriscam paralelamente em projetos migratórios (Harzig, 2003), propõe-se o estudo da migração feminina à luz de transformações sofridas por homens e mulheres ao longo do processo migratório, tendo como pano de fundo as relações de gênero. Neste sentido, apresentamos três diferentes relações que podem, por um lado, aprofundar as investigações sobre migração internacional e, por outro, estabelecer um diálogo direto e contribuir com o debate acerca dos estudos de gênero.

O debate metodológico e os estudos de migração feminina

Ainda que o debate teórico acerca dos estudos de migração feminina tenha proporcionado avanços significativos para a captação e o entendimento de fluxos migratórios como um todo e não somente fixados na ideia da mudança definitiva de residência, é através do debate metodológico que esses avanços se refletem. A busca por outras fontes de dados que possam captar fluxos migratórios cada vez mais dinâmicos nada mais é do que uma das consequências deste debate teórico que tem ajustado o foco dos pesquisadores diante de um fenômeno social tão complexo como a migração.

Construir uma metodologia para o estudo da migração feminina nada mais é do que buscar uma forma de refletir empiricamente os recentes avanços teóricos resultantes da intersecção dos debates dos estudos de gênero e migração. Neste sentido, as “fontes de dados tradicionais” (Maguid, 1995) muitas vezes, por sua própria concepção, periodicidade, cobertura ou definição de conceitos, não se aplicam a um fluxo migratório feminino. Faz-se necessário, então, lançar mão de outros recursos metodológicos que superem as limitações dos censos demográficos.

A primeira imposição aos estudos de migração feminina, sempre à luz dos debates acerca das relações de gênero, é a definição da unidade de análise, se o indivíduo ou a família. Aragon (1984, p. 1375) já havia definido a importância do domicílio e da família nos estudos migratórios.

Tomar como coletiva – sobretudo no âmbito da família – a decisão de migrar é resultado da superação de teorias que restringiam esta decisão a um cálculo racional individual. Modelos econômicos clássicos, principalmente o de forças de atração/expulsão (Ravenstein, 1885), ocultaram fatores que influenciam a decisão de um indivíduo a entrar num fluxo migratório, desde a elaboração das primeiras teorias de migração. Dada não apenas a tese de parentes seguirem parentes, citada por Aragon (1984), mas outros fatores como os impactos da migração em sua organização, o domicílio é a unidade de análise mais indicada no caso de coleta de dados para o estudo de fluxos migratórios femininos. Segundo Bilac (1995, p. 69) , "os estudos sobre migração feminina contribuíram para a crítica das teorias migratórias baseadas nos modelos econômicos clássicos, principalmente as do tipo *push-pull forces*, uma vez que os movimentos migratórios de mulheres não se explicam facilmente como sendo produtos de decisões individuais orientadas por um comportamento economicamente racional".

O reconhecimento da entrada das mulheres em fluxos migratórios forçou um avanço teórico que explicasse, além dos motivos de atração ou repulsão econômica, os fatores que levavam mulheres a migrar. As teorias econômicas clássicas não se encaixam neste fenômeno desde o princípio, já que muitas dessas mulheres migrantes nunca trabalharam em seus países de origem (Morokvasic, 2005).

Junto com este reconhecimento (já que não se trata de um fenômeno novo, uma vez que “é preciso reconhecer que as mulheres sempre migraram”, Morokvasic, 2003) surge também a necessidade de compreender por que migram essas mulheres. Estender o olhar à família e às relações de gênero ao longo do projeto migratório iluminou os estudos de migração no sentido “reivindicar transformações radicais nos próprios postulados teóricos sobre as migrações” (Bilac, 1995).

Captar um fenômeno social complexo como a migração feminina, com diversas faces mutantes de acordo com o contexto em que está inserido, requer que se abra um leque maior de possibilidades de observação e exploração, a fim de compreender suas nuances e dinâmicas. Nesse sentido é que se torna imprescindível conhecer o fenômeno, explorando também fontes de dados de registros administrativos, identificando o perfil da migração feminina e suas especificidades.

Os registros de entradas de mulheres na imigração dos países latino-americanos no Brasil

Embora os volumes de entrada de mulheres (138.421 imigrantes), no Brasil, sejam menores que o de homens (188.668), para o período de 2000 a 2014, nota-se que para a maioria dos fluxos, a proporção de mulheres chega a representar quase a metade do fluxo de cada um dos países latino-americanos (Tabela 1). A maior entrada de imigrantes da Bolívia (43.181 pessoas), traz um fluxo de entrada de imigrantes bolivianas de 43.181 mulheres, o que corresponde a 31% do total das mulheres imigrantes que entraram no Brasil no período.

Tabela 1. Entrada de Mulheres Imigrantes no Brasil por país de nascimento, 2000-2010

País de nascimento	Homens	Mulheres	Total	Proporção de mulheres (%)
Argentina	27.512	18.157	45.669	39,76
Bolívia	53.042	43.181	96.223	44,88
Brasil	106	71	177	40,11
Chile	7.832	4.800	12.632	38,00
Colômbia	17.161	11.759	28.920	40,66
Costa Rica	774	462	1.236	37,38
Cuba	7.828	8.695	16.523	52,62
Equador	2.253	1.748	4.001	43,69
Guiana Francesa	63	22	85	25,88
México	8.100	6.322	14.422	43,84
Paraguai	13.822	12.462	26.284	47,41
Peru	17.939	11.772	29.711	39,62
República do Haiti	14.283	4.425	18.708	23,65
República Dominicana	659	681	1.340	50,82
Uruguai	13.119	10.310	23.429	44,01
Venezuela	4.175	3.554	7.729	45,98
Total	188.668	138.421	327.089	42,32

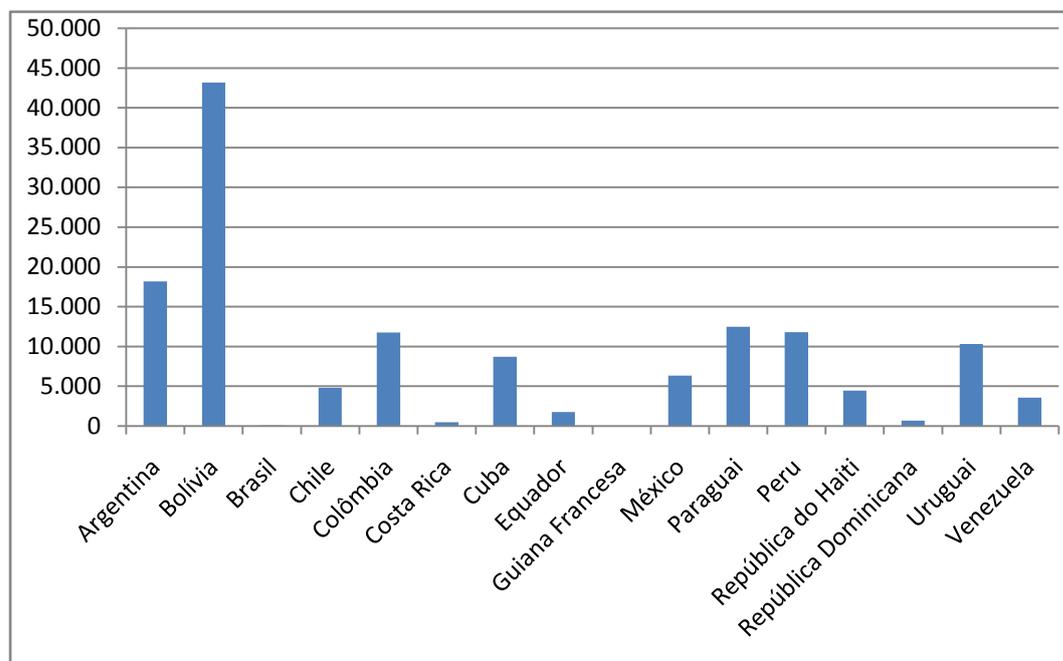
Fonte: Sistema Nacional de Cadastro de Estrangeiros-SINCRE, Polícia Federal-Ministério da Justiça. Projeto MT-Brasil/ICMPD-GEDEP-PUC Minas. Tabulações especiais, Observatório das Migrações em São Paulo (Fapesp/CNPq-NEPO/UNICAMP).

A feminização da migração entre os países fronteiriços é relevante, em especial com a Colômbia (11.759 mulheres imigrantes), Paraguai (12.462 mulheres), Peru (11.772), Uruguai (10.310) e Venezuela (3.554), como ilustra o Gráfico 1.

O país com maior predomínio da imigração masculina é o Haiti, com a entrada de 14.283 homens contra 4.425 mulheres. De todo modo, o volume de entrada de mulheres haitianas na imigração para o Brasil é significativo, mas tais mulheres estão “invisíveis” nesta imigração. De um lado, porque a presença masculina já confere a imagem de uma imigração de homens trabalhadores e, de outro lado, porque os empregos que em que as mulheres haitianas estão conseguindo se inserir são nos serviços, como por exemplo cozinheira (296 haitianas) ou, mesmo, estão sem ocupação: 906 haitianas que residiam no Brasil encontravam-se nesta última condição e outras 759 em Outra ocupação não classificável, denotando a precariedade do trabalho para as imigrantes haitianas. Esta situação de ocupações não classificáveis também

estão presentes para as mulheres, particularmente aquelas nascidas na Argentina, Uruguai, Paraguai e Peru. (Tabela 2).

Gráfico 1. Volume de entrada de mulheres imigrantes no Brasil por país de nascimento, 2000-2014.



Fonte: Sistema Nacional de Cadastro de Estrangeiros-SINCRE, Polícia Federal-Ministério da Justiça. Projeto MT-Brasil/ICMPD-GEDEP-PUC Minas. Tabulações especiais, Observatório das Migrações em São Paulo (Fapesp/CNPq-NEPO/UNICAMP).

A classificação da ocupação é feita pela Polícia Federal e, desse modo, não há como entender o que é a profissão denominada Decorador para que tantas bolivianas tenha esta ocupação no Brasil. Possivelmente, deva estar vinculada à costura, moda, confecção têxtil, pois este é o setor da economia étnica (Portes e Jansen, 1987; Sanders e Nee, 1987; Bonacich, 1973; Waldinger, 1986) dessa imigração no país. Ressalte-se que as imigrantes paraguaias e peruanas também estão ocupadas na categoria Decorador, sendo que tais imigrantes estão neste setor, como forma de arregimentação para o trabalho de grupos “multiétnicos” (Green, 1998) no setor de confecção e no comércio. A categoria estudante é a segunda maior ocupação dentre as mulheres imigrantes que entraram no Brasil, com 27.763 mulheres. Seguem as médicas cubanas (6.984 mulheres).

A feminização da imigração latino-americana e do Mercosul para o Brasil apresenta enorme concentração nos contingentes de mulheres bolivianas, argentinas, colombianas, paraguaias e uruguaias, dentre os maiores volumes de entradas no país,

revelando a visibilidade e a necessidade de políticas públicas que possam dar acesso a contingentes diferenciados de mulheres imigrantes no país.

Tabela 2. Volume de entrada de Mulheres Imigrantes por país de nascimento e ocupação, 2000-2014

	ARGENTINA	BOLIVIA	BRASIL	CHILE	COLOMBIA	COSTA RICA	CUBA	EQUADOR	GUIANA FRANCESA	MEXICO	PARAGUAI	PERU	REPUBLICA DO HAITI	REPUBLICA DOMINICANA	URUGUAI	VENEZUELA	TOTAL
DECORADOR	127	28.174	1	42	60	1	1	8	0	4	1.838	841	164	1	124	4	31.390
ESTUDANTE	4.381	5.567	19	1.287	4.412	160	386	682	13	3.105	1.988	2.685	363	293	1.484	938	27.763
PRENDAS DOMESTICAS (LIDE)	3.243	2.588	9	773	1.252	43	177	229	2	780	3.461	1.551	161	45	2.118	605	17.037
MEDICO	264	880	1	36	497	11	6.984	88	0	35	166	421	14	105	133	457	10.092
OUTRA OCUPACAO NAO CLASSI	1.742	768	5	408	813	31	92	120	3	352	995	728	759	22	1.518	204	8.560
VENDEDOR OU EMPREGADO DE SEM OCUPACAO	265	822	0	47	355	3	11	38	0	5	592	909	276	5	1.046	10	4.384
MENOR (CRIANCA , NAO EST	612	501	2	155	407	6	43	40	0	104	435	337	906	7	333	77	3.965
PROFESSOR	702	1.526	5	186	234	14	17	56	1	188	134	160	95	13	110	126	3.567
DEPENDENTE DE TITULAR DE	979	133	4	276	264	17	329	39	0	94	128	373	84	4	496	86	3.306
DIRETOR , GERENTE OU PROP	517	58	4	244	360	34	53	76	0	611	22	127	22	21	35	233	2.417
PORTEIRO	701	342	1	77	176	9	22	22	0	83	159	356	88	10	236	77	2.359
ARQUITETO	58	209	0	24	95	0	4	9	0	1	930	336	108	6	311	4	2.095
SACERDOTE	345	106	2	153	441	22	96	53	0	152	47	221	1	14	82	207	1.942
COZINHEIRO	337	104	0	175	224	6	20	80	0	314	102	291	3	23	67	35	1.781
ECONOMISTA	271	188	1	41	64	0	9	3	0	5	321	151	296	8	218	3	1.579
OFICIAL	339	118	2	64	256	10	45	25	1	83	67	189	79	7	93	84	1.462
APOSENTADO	194	7	1	104	305	42	3	5	1	62	9	476	0	63	6	38	1.316
MANICURE/CABELEREIRO	368	83	7	76	38	3	62	9	0	6	50	88	1	0	441	10	1.242
ENFERMEIRO	94	175	0	35	122	0	6	11	0	8	200	109	149	3	234	9	1.155
EMPREGADO DE ESCRITORIO	121	103	0	57	93	2	35	10	0	17	68	240	159	3	228	7	1.143
Outras ocupações	273	111	1	74	82	5	12	6	1	18	140	121	55	2	152	13	1.066
Total	18.157	43.181	71	4.800	11.759	462	8.695	1.748	22	6.322	12.462	11.772	4.425	681	10.310	3.554	138.421

Fonte: Sistema Nacional de Cadastro de Estrangeiros-SINCRE, Polícia Federal-Ministério da Justiça. Projeto MT-Brasil/ICMPD-GEDEP-PUC Minas. Tabulações especiais, Observatório das Migrações em São Paulo (Fapesp/CNPq-NEPO/UNICAMP).

Os registros de entradas de mulheres na imigração haitiana no Brasil

O volume de entrada dos imigrantes haitianos e haitianas no Brasil registrado pela Polícia Federal e pelo Ministério da Justiça, entre 2010 e 2014 é de 18.708 pessoas. É importante ressaltar, no entanto, que esta fonte de dados registra as entradas de pessoas no país, mas não sua saída. Por outro lado, nem todos os imigrantes são registrados por esse sistema, cujos resultados devem ser interpretados como tendências da presença haitiana no país. A tabela 3 abaixo apresenta os dados dos registros de entradas de imigrantes, de acordo com alguns países selecionados.

Tabela 3: Registros de entradas de estrangeiros no Brasil, segundo países selecionados e ano do registro. Brasil, 2000 a 2014.

País de Nascimento	Triênio					Total
	2000 a 2002	2003 a 2005	2006 a 2008	2009 a 2011	2012 a 2014	
Bolívia	1.499	4.207	17.283	35.900	37.334	96.223
Estados Unidos	10.661	11.944	11.417	15.401	15.917	65.340
Argentina	4.062	5.619	10.557	10.468	14.963	45.669
China	4.853	3.708	5.113	12.246	11.497	37.417
Portugal	2.040	3.931	4.933	8.698	13.682	33.284
Alemanha	3.878	4.916	5.610	7.445	8.107	29.956
Peru	1.874	2.725	2.716	8.759	13.637	29.711
Colômbia	1.577	2.323	3.229	5.718	16.073	28.920
França	3.373	3.816	4.695	6.635	9.649	28.168
Paraguai	1.061	1.739	2.161	10.457	10.866	26.284
Itália	1.938	3.546	4.605	6.671	9.393	26.153
Uruguai	1.893	2.471	5.272	5.918	7.875	23.429
Espanha	2.101	2.225	2.708	5.326	10.489	22.849
Filipinas	319	1.363	3.134	8.488	9.259	22.563
Japão	2.839	3.117	3.532	4.602	6.436	20.526
Haiti	15	35	85	646	17.927	18.708
Total Selecionados	43.983	57.685	87.050	153.378	213.104	555.200
Outros países	22.055	28.989	38.372	66.985	93.463	249.864
Total	66.038	86.674	125.422	220.363	306.567	805.064

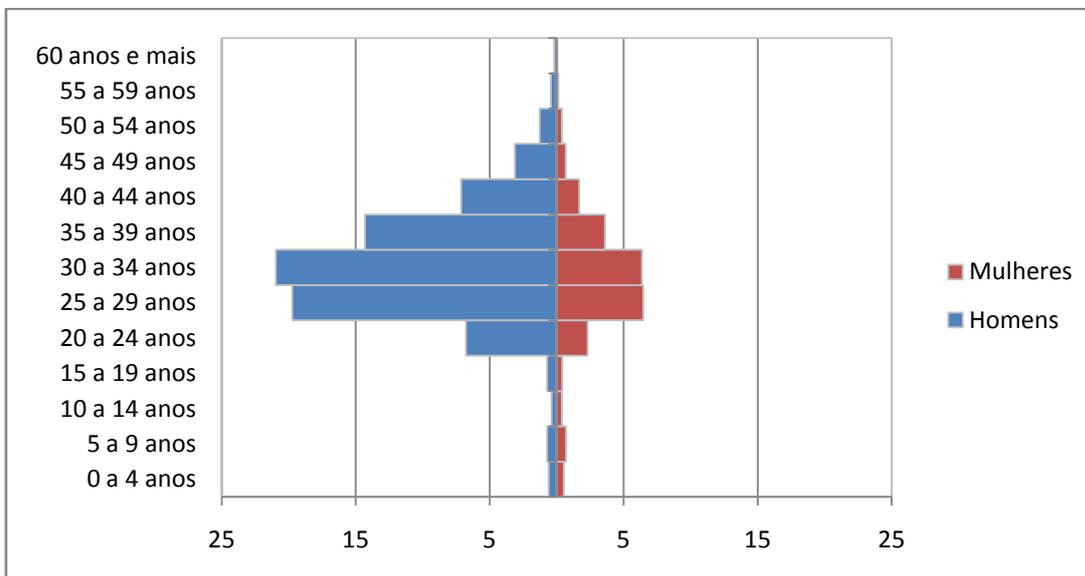
Fonte: Sistema Nacional de Cadastro de Estrangeiros-SINCRE, Polícia Federal-Ministério da Justiça. Projeto MT-Brasil/ICMPD-GEDEP-PUC Minas. Tabulações especiais, Observatório das Migrações em São Paulo (Fapesp/CNPq-NEPO/UNICAMP).

De acordo com os dados, ressalta-se que o número de entradas de haitianos e haitianas no Brasil para o período de 2000 a 2014 já se aproxima de outros contingentes migrantes históricos para o país, como é o caso dos japoneses e dos espanhóis. Ainda que a fonte de dados tenha suas limitações com relação às saídas desses migrantes, bem como sobre os tipos de registros, é importante ressaltar ainda que essas entradas se deram no último triênio disponível (2012 a 2014), quando 95,82% dos haitianos registrados ingressaram no país.

Ainda de acordo com este último triênio, observa-se que o volume de imigrantes haitianos e haitianas registrados pelo SINCRE só é menor que o de imigrantes bolivianos (37.334), que são a maioria histórica registrada no sistema. O aumento do registro da imigração haitiana entre o quarto e o quinto triênios também é notável,

passando de 646 para 17.9274 registros. O gráfico 2 abaixo apresenta a estrutura etária dos imigrantes haitianos registrados no país, ao longo do período.

Gráfico 2: Estrutura Etária de imigrantes haitianos no Brasil, 2000 a 2014.



Fonte: Sistema Nacional de Cadastro de Estrangeiros-SINCRE, Polícia Federal-Ministério da Justiça. Projeto MT-Brasil/ICMPD-GEDEP-PUC Minas. Tabulações especiais, Observatório das Migrações em São Paulo (Fapesp/CNPq-NEPO/UNICAMP).

Concentrada nos grupos etários de 25 a 34 anos, a estrutura etária e também a distribuição por sexo dos migrantes haitianos já aponta para fatores de invisibilidade das mulheres neste fluxo migratório. O volume total de homens que foram registrados é de 14.283, enquanto que 4.425 mulheres entraram no país no mesmo período (23,65% do total). Essa diferença de volume, segundo Pessar (2000), acaba por mascarar as diferenças existentes em fluxos masculinos e femininos, negando a participação das mulheres e colocando-as sempre em função da reunificação familiar. A Tabela 4 a seguir apresenta dados relativos ao estado civil desses imigrantes haitianos e haitianas no Brasil.

Tabela 4: Registros de entradas de imigrantes haitianos e haitianas no Brasil, segundo o sexo e estado civil. Brasil, 2000 a 2014².

Estado Civil	Homens		Mulheres		Total	
	N	%	N	%	N	%
Casado(a)	3.246	22,7	1.121	25,3	4.367	23,3
Divorciado(a)	20	0,1	11	0,2	31	0,2
Solteiro(a)	10.763	75,4	3.142	71,0	13.905	74,3
Viúvo(a)	26	0,2	17	0,4	43	0,2
Outros	228	1,6	134	3,0	362	1,9
Total	14.283	100	4.425	100	18.708	100

Fonte: Sistema Nacional de Cadastro de Estrangeiros-SINCRE, Polícia Federal-Ministério da Justiça. Projeto MT-Brasil/ICMPD-GEDEP-PUC Minas. Tabulações especiais, Observatório das Migrações em São Paulo (Fapesp/CNPq-NEPO/UNICAMP).

Os dados acima apontam justamente para mais um fator de invisibilidade das mulheres haitianas no Brasil. De acordo com as informações, 71% das mulheres haitianas registradas no país são solteiras e 25,3% delas são casadas. Levando em conta essas informações à luz da estrutura etária anteriormente apresentada, pode-se afirmar que as mulheres haitianas não vem ao Brasil no papel exclusivo de agentes de reunificação familiar, nem como cônjuges e nem como filhas. A distribuição de homens e mulheres com relação ao estado civil não apresenta grandes diferenças, já que 22,7% dos homens são casados; a proporção de homens solteiros é de 75,4%, bastante próxima da proporção das mulheres haitianas solteiras no país. O maior volume de homens acaba por reforçar o ideal migrante como homem, jovem, solteiro e sem filhos e o papel da mulher no fluxo migratório restrito à unificação familiar (Morokvasic, 2002). No entanto, esses dados de registros de entrada tem apontado que as tendências da presença haitiana no Brasil guarda especificidades femininas, sendo fundamental, portanto, retirar as mulheres haitianas na invisibilidade neste fluxo migratório.

Outro fator de especificidade da migração de haitianas para o Brasil é o meio de transporte utilizado na chegada ao país. Há uma diferença importante com relação ao uso de avião: 74,2% das mulheres fizeram uso deste meio de transporte, enquanto que 59,2% dos homens o fizeram (Tabela 5). Migrantes que utilizam avião como meio de transporte revelam melhores condições em seus lugares de origem, que permitem a inclusão desta estratégia em seus projetos migratórios. Parece ser o caso das mulheres haitianas que migram fora da condição de cônjuges ou filhas. A fonte de dados não

² As categorias apresentadas são as mesmas que compõe o SINCRE – Sistema Nacional de Cadastro de Estrangeiros (Ministério da Justiça/ Polícia Federal).

permite, não entanto, a confirmação de hipóteses acerca das redes migratórias de apoio, que incluem a companhia na viagem, bem como a origem dos recursos. Outra hipótese seria a de que homens migram primeiro e as mulheres migrariam depois, com mais conforto, no papel de agentes de reunificação familiar. Os dados sobre o ano de registro de entradas desses imigrantes não parece confirmar esta hipótese.

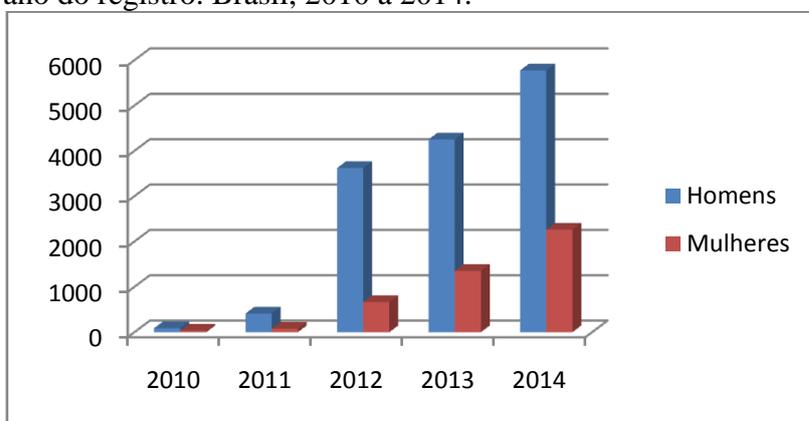
Tabela 5: Registros de entradas de imigrantes haitianos e haitianas, segundo o sexo e meio de transporte utilizado. Brasil, 2000 a 2014.

Meio de Transporte	Homens		Mulheres		Total	
	N	%	N	%	N	%
Avião	8.450	59,2	3.282	74,2	11.732	62,7
Navio	2.139	15,0	421	9,5	2.560	13,7
Ônibus	1.568	11,0	308	7,0	1.876	10,0
Outros	2.126	14,9	414	9,4	2.540	13,6
Total	14.283	100,0	4.425	100,0	18.708	100,0

Fonte: Sistema Nacional de Cadastro de Estrangeiros-SINCRE, Polícia Federal-Ministério da Justiça. Projeto MT-Brasil/ICMPD-GEDEP-PUC Minas. Tabulações especiais, Observatório das Migrações em São Paulo (Fapesp/CNPq-NEPO/UNICAMP).

Embora os volumes de entrada de homens sejam superiores que o de mulheres em todo o período (Gráfico 3), a distribuição por sexo do ano de registros de entrada não revela a estratégia da migração tardia das mulheres (Pessar, 2000): homens e mulheres do Haiti vieram ao Brasil em sua maioria no último ano de 2014, com a diferença de que a maior de que o avião foi mais utilizado por mulheres.

Gráfico 3: Registros de entradas de haitianos e haitianas no Brasil, segundo o sexo e o ano do registro. Brasil, 2010 a 2014.



Fonte: Sistema Nacional de Cadastro de Estrangeiros-SINCRE, Polícia Federal-Ministério da Justiça. Projeto MT-Brasil/ICMPD-GEDEP-PUC Minas. Tabulações especiais, Observatório das Migrações em São Paulo (Fapesp/CNPq-NEPO/UNICAMP).

A inserção laboral é um outro fator de grande importância para a discussão das especificidades por sexo em fluxos migratórios, bem como de suas relações com as renegociações de gênero em etapas e lugares de destino. No entanto, esta fonte de dados apresenta uma série de limitações com relação à coleta desta informação, sobretudo para mulheres, uma vez que os homens tem se inserido no mercado de trabalho formal, especialmente nas funções ligadas à construção civil e também a atividades frigoríficas. As mulheres, por não compartilharem dessa inserção laboral masculina de haitianos no Brasil, acabam por inserir-se no mercado de trabalho informal, no setor de serviços e especialmente no comércio (Baeninger e Peres, 2015). Essas atividades, no entanto, não tem sido bem coletadas pelo atual sistema, reforçando a necessidade de discutir políticas públicas que possam preparar o país para a chegada de imigrantes internacionais, incluindo melhores categorias, conceitos e instrumento de coletas de informação.

Considerações Finais

Contextos migratórios cada vez mais complexos e dinâmicos apontam para a necessidade de avanços teóricos e metodológicos para o seu entendimento. É neste sentido que os estudos de gênero vem contribuindo com os estudos de migração, para que possamos aprofundar o conhecimento não somente acerca de entradas e saídas de migrantes de um determinado país, mas também seus contextos de origem e demais etapas migratórias, nas dimensões para além do indivíduo, ou seja, familiar e domiciliar.

Isso inclui o olhar para as estratégias migratórias traçadas mesmo antes do início de projetos migratórios, bem como para as trajetórias, o uso de recursos disponíveis em diferentes etapas, e as renegociações dos papéis de homens e mulheres ao longo desse processo, que tem desdobramentos nos lugares de destino, através da inserção laboral, das redefinições de expectativas temporais e do planejamento do ciclo de vida individual e familiar dos migrantes.

É neste sentido que este trabalho buscou, a partir de uma fonte de dados oficial, traçar as diferentes tendências para a identificação das especificidades da migração feminina latino-americana e haitiana. É claro que elementos como as renegociações dos papéis de gênero não poderão ser construídos a partir dessas informações, mas trata-se do primeiro passo para a retirada das mulheres haitianas da invisibilidade num fluxo migratório do século 21.

Os dados do Sistema Nacional de Cadastro de Estrangeiros (Polícia Federal e Ministério da Justiça) compõe uma ferramenta poderosa de trabalho para os estudos da migração internacional no Brasil. As diferenças entre homens e mulheres neste processo são a porta de entrada para discussões qualitativas acerca dessas transformações experimentadas por esses migrantes ao longo de suas trajetórias migratórias. Observou-se desde já que há especificidades femininas na presença latino- americana e haitiana no Brasil, a despeito das diferenças existentes entre o volume de registros de entradas de homens e mulheres. Faz-se necessário portanto, cada vez mais, aprofundar o conhecimento dessas especificidades, para que as experiências de homens e mulheres possam oferecer novos subsídios para o entendimento deste processo social.

Neste sentido, novas fontes de dados são necessárias e, por isso, exploramos os registros de entrada de imigrantes da Polícia Federal. Estudar a migração feminina e a perspectiva de gênero abre novas frentes de trabalho e agendas de pesquisa, além de aprofundar o conhecimento sobre fluxos migratórios muitas vezes já consolidados, com faces ainda ocultas da feminização da migração, e que podem contribuir de forma significativa na reflexão sobre contextos migratórios cada vez mais complexos.

Referências Bibliográficas

- ASSIS, G. De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros. Tese de doutorado em Ciências Sociais – UNICAMP, 2004
- BILAC, E. Gênero, família e migrações internacionais. Seminário de Emigração e Imigração no Brasil contemporâneo. São Paulo. Programa de Avaliação e acompanhamento das Migrações Internacionais, 1994.
- BOYD, M e GRIECO, E. Women and Migration: Incorporating gender into international migration theory. Migration Policy Institute. Washington, 2003.
- CASTLES, C. e MILLER, M, J. The age of Migration. International Population Movements in the Modern World. New York, 1998.
- COURGEAU, D. Nuevos enfoque para medir la movilidad espacial interna de la población. Notas de Población, vol 18, nº 50. Santiago, Chile, CELADE, 1990.
- CASTRO, J.Y.C. Ahoralasmujeres se mandan solas: migración y relaciones de gênero em una comunidad mexicana transnacional llamada Pie de Gallo. Tese de Doutorado, Universidad de Granada, 2006.
- CATARINO, C e MOROKVASIC, M. Femmes, genre, migration et mobilités. Revue Européenne des Migrations internationales. Vol 21, n. 1, 2005.
- DOMENACH, H., PICOUET, Ml. Lesmigrations. Paris: Presses Universitaires de France, 1995.
- FLEISCHER, S. e MARTES, A, C. B. Fronteiras Cruzadas: Etnicidade, gênero e redes sociais. Editora Paz e Terra. São Paulo, 2003.

GEORGES, E. Gender, class and migration on the Dominican Republic women experience. In: SCHILLER, N. G.; BASCH, L. Towards transnational perspective on migration. *Annals of the New York Academy of Sciences*, 1992.

GUILLEMAUT, F. Trafics et migrations de femmes: une hypocrisie au service des pays riches. *Hommes et Migrations*, n° 1248, 2004.

HARZIG, C. Immigration policies: a gendered historical comparison. In: MOROKVASIC, M.; EREL, U.; SHINOZAKI, K. (eds) *Crossing Borders and shifting boundaries. Vol I, Gender on the move*. Oplanden, 2003.

MINCES, J. Les trois formes de discriminations subies par les femmes de l'immigration. *Hommes et Migration*, n° 1248, 2004.

MOROKVASIC, M. La mobilité transnationale comme ressource: le cas des migrants de l'Europe de l'Est. *Cultures et Conflits*, 32, 2002.

MOROKVASIC, M.; EREL, U.; SHINOZAKI, K. (eds) *Crossing Borders and shifting boundaries. Vol I, Gender on the move*. Oplanden, 2003.

MOROKVASIC, M. Birds of passage are also women... *International Migration Review*, vol XVIII, n° 4, 1984.

MOROKVASIC, M. In and out of the labour market: Immigrant and minority women in Europe. *New Community Gender and Migration*, vol 19, n° 3, 1993.

OSO, L. Women, the pioneers of migration chains: the case of Spain. "Working Party on Migration" Seminary, 1998

PELLEGRINO, A. Migración internacional de latino americanos en las Américas. - Santiago de Chile; CELADE, 1992.

PELLEGRINO, A (org). Migración e integración: nuevas formas de movilidad de la población. - Monte Video, 1992.

PERES, R. G. Mulheres na fronteira: a migração de bolivianas para Corumbá-MS. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Demografia da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. Campinas, 2009.

PESSAR, P. R. The Linkage Between the household and workplace of dominican women in the U.S. *International Migration Review*, vol XVIII, n° 4, 2000.

PHIZACKLEA, A. One way ticket. *Migration and female labour*. Routledge & Kegan Paul. Londres, 1983.

PHIZACKLEA, A. Transnationalism, gender and global workers. In: MOROKVASIC, M.; EREL, U.; SHINOZAKI, K. (eds) *Crossing Borders and shifting boundaries. Vol I, Gender on the move*. Oplanden, 2003.

PORTES, A. *The Economic sociology of migration*. Nova York, Russel Sage Foundation, 1995.

PORTES, A. Modes of Structural Incorporation and Present theories of labor immigration. *International Migration Review*, n° 7, vol 2, 1981.

SALA, G. A. Características demográficas e sócio-ocupacionais dos migrantes nascidos nos países do Cone Sul residentes no Brasil. Tese apresentada ao Centro de Desenvolvimento Regional, CEDEPLAR. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

SASSEN, S. *The Mobility of Labor and Capital*. Cambridge University Press, 1998.

SCHMINK M. Household economic strategies: a review and research agenda. *Latin American Research Review*, vol XIX, n°3, 1984.

SOARES, W. ;. AGUIRRE, M. C. Redes Sociais, Gênero e Fecundidade: a fuga do reino das citações. Trabalho apresentado no XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais. Ouro Preto, 2002.

TARRIUS, A. Leer, describir, interpretar. Las circulaciones migratoria: conveniencia de la noción de "territorio circulatorio". Los nuevos hábitos de la de identidad. Relaciones, vol XXI, nº 83, 2000.

VERNEZ, G. Immigrant women in the US workforce. Who struggles? Who succeeds? Lexington Books, 1999

WILLIS K.; YEOH, B. (eds) Gender and Migration. The International Library of studies on migration. Cambridge University Press, 2000.